

O ESGOTAMENTO DO NACIONALISMO

Alaor Chaves

Neste artigo, formulamos a hipótese de que o nacionalismo, fenômeno recente e que hoje é uma ideologia que domina todo o Globo, pode estar próximo do seu fim. O mundo ficou pequeno demais para comportar nações soberanas que competem entre si nos campos militar, econômico e tecnológico. Antes da abordagem específica do tema nacionalismo, há um longo preâmbulo conceitual e histórico, no qual expomos a origem biológica da natureza humana – um conjunto de sentimentos, valores e tendências comportamentais inatos – e como essa natureza levou naturalmente a células de organização social até a escala de grupos consanguíneos, tribos e etnias. As outras formas de organização social, que passaram a congregiar mais de um milhão de pessoas, não decorrem naturalmente da natureza humana. O leitor já informado em matérias desse preâmbulo pode saltá-lo sem prejuízo na compreensão da tese. Nossa hipótese tem dois alicerces. O primeiro é a extrema maleabilidade do comportamento, dos sentimentos e valores humanos, que são definidos tanto pela nossa natureza quanto pela cultura, que está evoluindo de forma crescentemente acelerada nos tempos recentes. O segundo é a incapacidade do nacionalismo de oferecer solução para os grandes problemas atuais, todos eles de âmbito global.

A Natureza Humana

Os mamíferos são animais sociais. Os humanos são os mais sociais dos mamíferos. A socialização humana coevoluiu com algumas características psicológicas inatas, como cooperação e competição, afeição por pessoas com quem nos relacionamos frequentemente, gratidão, identificação e sentimento de lealdade com um ou mais grupos sociais, sentimentos de justiça e de honra pessoal, e muitas outras. O conjunto das nossas características psicológicas inatas compõe o que se chama natureza humana. A evolução dessa natureza é matéria da psicologia evolucionista (PE), que vem avançando rapidamente desde meados dos anos 1960. Ardorosa polêmica tem cercado o desenvolvimento da PE, pois muitos humanistas e cientistas sociais negam a existência de uma natureza humana. Mantêm-se apegados à antiga ideia da *tabula rasa*, elaborada na modernidade por **John Locke**, em 1690.

A existência de uma natureza humana ganhou nova sustentação empírica com o livro ***Human Universals***, do antropólogo **Donald Brown**. Nele, Brown aponta a existência de aspectos da cultura, da linguagem, do comportamento e da psique que aparecem em todas as culturas, sem exceção. São, portanto, **Universais Humanos** (UH), e não podem ser entendidos como

criações meramente culturais. **Steven Pinker** (2002) fez uma elaborada defesa da existência da natureza humana, sustentada por uma enorme massa de dados.

A compreensão da natureza humana é essencial para que entendamos a nossa história e possamos especular sobre nosso futuro. É o primeiro passo para que atendamos, como espécie, o preceito “Conhece ti mesmo”, de Sócrates e de outros sábios gregos. Com esse conhecimento, podemos entender a maleabilidade – e seus limites – do ser humano. Essa natureza é genética, mas não determinística. A cultura e a educação podem nos libertar dos nossos piores instintos e desenvolver o que há de melhor em nós mesmos. O homem é o mais cultural dos animais, e por isso também o mais maleável. Entre nossos sentimentos natos está a necessidade de reconhecimento por nossos pares. A cultura altera os valores de uma sociedade, e com isso as condutas que ela considera boas. Para obter conhecimento no meio em que vivemos, nos disciplinamos para praticar ações que esse meio considera boas.

Socialização humana em células crescentes

Na evolução da socialização humana, bem cedo apareceram, em várias espécies do gênero *Homo*, a colaboração muito estreita entre membros de pequenos bandos que não excediam poucas dezenas de indivíduos. A existência desses bandos é bem comprovada para o *Homo erectus*, que surgiu há coisa de 1,8 milhões de anos e sobreviveu até menos de 100 mil anos atrás. Os bandos de *H. erectus* tinham forte consanguinidade, e cuidavam dos fracos, dos feridos e dos doentes.

A espécie *Homo sapiens* surgiu – na África, como todas as outras espécies do gênero *Homo* –, há uns 200 mil anos. Com um cérebro desenvolvido e uma linguagem falada de enorme sofisticação, nossa espécie criou sociedades de crescente tamanho e complexidade. Na África e nas Américas, temos muitos remanescentes do que pode lembrar as primeiras células sociais exclusivamente humanas – no sentido moderno do termo humano. Pequenos grupos – meia centena de indivíduos – de caçadores-coletores ou caçadores-coletores-horticultores, nômades, ou sedentários no caso dos horticultores. Como em todos os mamíferos sociais, os pequenos grupos são altamente consanguíneos e territoriais. A cooperação dentro do grupo é indispensável à sua sobrevivência e evoluiu pelo processo de seleção darwiniana no nível de grupo. A compreensão da evolução entre membros de um grupo social consanguíneo é facilitada pela descrição dos cuidados paternais. Grande parte dos animais, ao nascer, é dependente de cuidados de adultos da sua espécie. Exceto no caso dos animais eussociais, como formigas, abelhas vespas e cupins, esses cuidados são providos pela mãe, pelo pai ou por ambos. O grau e a duração dos cuidados paternais variam muito entre os táxons. Nos pássaros e nos mamíferos, é intenso e duradouro. Em muitas espécies, esses animais se acasalam para assegurar os cuidados

necessários aos filhotes. O cuidado paternal é instinto inato, determinado por genes. Se um pássaro ou mamífero não tem instinto de cuidados paternos, seus filhos provavelmente não sobreviverão. Portanto, esse espécime não deixará prole e seus genes se extinguirão. Assim, o instinto de cuidados paternos evoluiu junto com a dependência de filhotes imaturos. Cuidar dos filhos é o mais fundamental dos instintos de socialização.

O indivíduo que se sacrifica em benefício de seus irmãos, sobrinhos e outros parentes, com quem compartilha muitos genes, também terá maior sucesso na transmissão – nesse caso indireta – dos seus genes. Assim nascem as relações de família, o segundo estágio de socialização. Todos os povos já estudados têm palavras especiais para designar filho, pai, neto, irmão, primo até segundo grau etc.. Ações de um indivíduo que se sacrifica – reduzindo seu sucesso reprodutivo em benefício de outros – são chamadas altruístas. O altruísmo se estende além do nível de família. Grupos humanos duradouros são bastante consanguíneos. Embora um membro do grupo não saiba identificar seu nível de parentesco com a maior parte dos outros, compartilha com eles uma fração maior de seus genes do que com membros de outro grupo. Associados a isso, há mais colaboração e altruísmo mútuo entre grupos permanentes.

Tribos, clãs, etnias, povos e reinos

Algumas células de socialização eventualmente se tornam grandes e complexas. Os **ianomâmis**, povo indígena caçador-coletor-horticultor que habita áreas adjacentes do Brasil e Venezuela, são bem conhecidos e úteis para ilustrar estruturas ainda primitivas de socialização. A célula social unitária nesse povo é a família: marido, mulher – no caso de guerreiros bem sucedidos, mulheres e filhos do patriarca. Cerca de uma centena de famílias vivem em aldeias. Cada aldeia fica afastada pelo menos vinte quilômetros de qualquer outra. Cada família cultiva sua horta de bananas e tubérculos e prepara seus alimentos. Numa aldeia, querelas entre homens, que podem resultar em morte, decorrem de disputas por mulheres e por comida considerada propriedade pessoal. Um homem pode ser assassinado se colher um cacho de banana das moitas plantadas por outro. O povo ianomâmi fala quatro línguas e divide-se em quatro etnias, embora compartilhe, em linha geral, a mesma cultura.

Não raro, homens de uma aldeia ianomâmi assaltam na madrugada outra aldeia vizinha, matam todo mundo, exceto as mulheres jovens, que capturam para com elas se acasarem. Os primeiros estudos etnográficos dos ianomâmis foram realizados pelo antropólogo **Napoleon Chagnon**. Suas observações, que ele interpretou segundo uma visão evolucionista, foram publicadas no livro *Yanomamö* (1968). Edições revistas foram publicadas após estudos complementares (Chagnon 2009).

Apesar de Chagnon ter sido combatido por muitos, pois a antropologia é área de várias escolas ideológicas, seu livro foi talvez o mais estudado em cursos de antropologia. Suas observações, no caráter mais geral, foram confirmadas por estudos posteriores de vários povos menos influenciados pela colonização europeia.

Nós e eles

Nós (*in-group*) e eles (*out-group*) são parte dos universais humanos. Nós somos uma extensão do eu, e eles são grupos em que não nos incluímos. Entre nós, lealdade e cooperação são devidas, e eles são grupos com quem competimos. A narrativa, os mitos, seres sobrenaturais, religiões e rituais, são outros universais. Nós temos nossa mitologia, nossos deuses, que são nossos senhores e a quem reverenciamos por meio de rituais. Com o desenvolvimento da cultura, “nós” tornou-se uma entidade que pode ser o catolicismo, falantes do Romani, a maçonaria, o Rotary Club, colecionadores de selos ou a torcida de um clube esportivo. Níveis variados de paixão unem membros dessas entidades e os colocam em conflito com “eles”. Compartilhar uma cultura – costumes, valores, língua – também fundamenta sentimentos de lealdade entre indivíduos.

O homem pré-histórico organizava-se em células de escala crescente: famílias, grupos, tribos, etnias, povos. As alianças, até provavelmente o nível de tribos, eram formadas com base em parentescos – às vezes entre pessoas geograficamente distantes, decorrentes de casamentos entre pessoas de aldeias distintas – hábito adotado para minimizar o efeito deletério da consanguinidade nos acasalamentos. As pessoas tinham vínculos e sentimentos de lealdade que decresciam com o afastamento da célula fundamental, a família. Até o nível da etnia, podiam perceber entre elas um elo, por pequenos detalhes da fisionomia, da tez ou do corpo. Esse tipo de elo gravou-se tão fundo em nossa natureza que sobreviveu a todas as transformações trazidas pela civilização. Dos subterrâneos do inconsciente, ecoa um instinto que vem da origem biológica da cooperação: temos umas coisas em comum, quem sabe somos parentes.

Um povo é definido por uma cultura, em particular uma religião, em comum. Os ianomâmis são um exemplo útil de povo. No norte do Brasil, ocupam uma área igual à do estado de Santa Catarina e, em território contíguo na Venezuela, uma área um pouco menor. Há quatro etnias ianomâmis que falam línguas distintas. Mas elas comungam mitos, rituais, práticas agrícolas, de fabricação de ferramentas e outros utensílios, que as unificam como um mesmo povo. Imagine um ianomâmi abandonado no território de uma aldeia a duzentos quilômetros da sua. Se ele não for morto antes de uns dias de interação com seus novos conhecidos, poderá observar seus ritos, suas danças, hortas, flechas e panelas. Sentirá que aquelas pessoas não são tão

estranhas, que de alguma forma elas lhe são próximas; em breve estará dançando junto com elas.

Reinos e impérios

Em todas as sociedades conhecidas, há hierarquia de prestígio e de poder. Hierarquia é um universal humano, decorre de instintos que evoluíram por seleção natural. Com o desenvolvimento da agricultura e da domesticação de animais, surgiu a propriedade de lotes de terra e de rebanhos, e com ela uma nova hierarquia: a de posses. Uns possuíam muito e precisavam de outros humanos para ajudar no trabalho agropastoril. Esse pode ter sido o primeiro passo para a dominação de sociedades maiores por líderes ambiciosos. A forma como se deu essa expansão é ignorada. Posteriormente, houve o surgimento de grandes sociedades dominadas por um rei, seus burocratas e seu exército. Reinos foram muito frequentes na antiguidade. Na África pré-colombiana, houve mais de meia centena deles. Reinos ou coligação de reinos podem formar impérios. Seguem alguns exemplos desse fenômeno.

Império dos Faraós

Muitos povos, de variadas culturas e subjugados em reinos diversos, desenvolveram-se ao longo do rio Nilo, desde os atuais Sudão e Etiópia até o delta à margem do Mediterrâneo. O processo começou há mais de sete milênios. Para que as férteis várzeas do Nilo fossem úteis, tinham de ser limpas e irrigadas para plantio após as enchentes anuais. Isso muito provavelmente exigiu a adoção do trabalho escravo, o que tornou os referidos reinos propensos erigir grandes edificações. Cultivavam trigo e cevada, e criavam cabras, vacas e porcos. O crescimento da população no vale passou a exigir cultivo de faixas mais largas ao longo do rio, o que resultou na coalizção de povos distintos em um grande império. Um rio os uniu. Um rio e o deserto. Em 3100 a. C. surgiu a dinastia 0 de faraós, com os mesmos deuses, com modelos de arquitetura, de arte e de comportamento, cada vez mais uniformes. Os faraós eram figuras divinas. O Egito foi o primeiro grande império da história e também o culturalmente mais uniforme.

Império chinês

O segundo império da história surgiu na China. A região é geograficamente muito especial. Ao oeste e ao sul, é separada de outras regiões habitadas no neolítico pela colossal cordilheira dos Himalaias. Dessas montanhas, escorrem dois grandes rios, o Amarelo e o Yan Yangtzé. O degelo gerava enormes inundações nos vales planos mais ao leste. Há muitos milênios, os vales dos dois rios foram habitados por povos agricultores. Há cinco milênios, as margens do rio Amarelo eram pontuadas de vilarejos próximos um do outro. Algumas inundações matavam grande parte dos habitantes ribeirinhos, causavam até mesmo mudança do leito do rio, que com

o tempo deslocava-se para o sul. Pelo entendimento dos historiadores, o potencial dos vales e o desafio de explorá-los levaram à formação de células populacionais mais amplas, possivelmente a pequenos reinos. Os registros arqueológicos dessa antiguidade são escassos, pois a escrita surgiu na China há pouco mais de 3 mil anos, o que impede estudos satisfatórios da China antiga. O primeiro grande reino que deixou registros escritos foi a **dinastia Shang** (1600-1046 a.C.). A **família Zhou** derrubou os Shang e legitimou seu domínio com a narrativa do **Mandato do Céu**. Segundo esta, o rei é filho do céu, mas perde o apoio celeste se incorrer em perversidades como luxúria, corrupção e maltrato ao povo. Essa narrativa foi poderosa o bastante para sustentar o respeito a um imperador. Ao longo do tempo, os reis Zhou perderam a capacidade de comandar a China e, por volta de 475 a.C., o poder passou a ser disputado por uma dúzia de **Estados Combatentes**, que criaram burocracias eficientes e elaboradas táticas de guerra, descritas pelo general **Sun Tzu** no célebre livro A arte da guerra. Em 221 a.C. **Qi Shi Huang Di** conseguiu dominar todos os seus rivais e criar o império chinês. As ideias de **Confúcio** (551-479 a.C.) formaram um código moral que orientava o comportamento dos diversos estratos da população, e o Mandato do Céu legitimava o poder do imperador.

Império Aquemênida

O Império Aquemênida (550-331 a.C.) foi o maior da antiguidade. Foi criado por **Ciro, o Grande**, um persa originário de pastores nômades que se fixaram por volta de 850 a.C. no ocidente do planalto iraniano. Cyrus era membro de uma dinastia de reis vassalos do **Império Medo**. Dotado de enorme habilidade militar e principalmente política, comandou com sucesso uma rebelião contra os medos e os derrotou. Derrotou em seguida os **Lídijs**, os **babilônios** e os **fenícios**, e dominou inúmeros povos de uma vasta região que vinha do vale do Indo, no atual Paquistão, passava pelo Afeganistão, e ia até a atual Turquia. Ao sul, na costa do mediterrâneo, a Jônia e a Fenícia. Seu sucessor, **Cambises II** ampliou império conquistando o restante da Ásia Menor e o **Egito**. Cyrus organizou o império pela sua divisão em vinte ou mais províncias, as **satrapias**, governadas por sátrapas controlados pelo imperador da cidade de Passárgada, construída por ele. O aramaico foi adotado como língua oficial e praticado como língua franca em todo o império.

Por volta de 480 a.C., o império estava interligado por uma rede de estradas e dotado de um sistema postal e de comunicação ágil, que possibilitava sua integração e um controle central, cuja real eficácia é matéria de polêmica. A religião oficial, mas não imposta, era o **zoroastrismo**, que proibia a escravidão. Por isso, ao dominar a Babilônia, Cyrus libertou os **judeus**, escravizados pelo pequeno império, e permitiu seu retorno à Judeia.

Parte do sucesso do império Aquemênida deve-se à tolerância aos costumes, religiões e leis dos povos subjugados, e à nomeação de líderes locais como sátrapas. A diversidade étnica e cultural do império era enorme. O

princípio era: sejam vocês mesmos, desde que nos paguem impostos. Havia um exército de elite, com 10 mil homens, e ainda outro, menos preparado, cuja dimensão variava com as necessidades. No ano 480 a.C. o império cobria uma área de 8 milhões de quilômetros quadrados, e nele viviam 50 milhões de pessoas, 44% da população mundial na época. Foi o maior império da história, se medido pela fração da população do mundo. Em 331 a.C. **Alexandre Magno**, com 25 anos, derrotou **Dario III**, dando fim ao império Aquemênida.

O vasto império serviu de modelo para todos os vindouros, a começar pelo Império Romano.

A artificialidade e a brutalidade dos impérios

Os impérios são instituições puramente artificiais. Não há nada na natureza humana que os explique ou justifique. As pessoas não se identificam com outros membros do império. Não têm laços genéticos nem sentimentos de lealdade com os outros membros, muito menos com o grande monarca. São subjugados à força. A história foi – e continua sendo – muito complacente com a brutalidade com que os antigos monarcas subjugaram populações de milhões ou dezenas de milhões de pessoas. Os camponeses compunham mais de 80% da população, e sobre eles caía a maior parte da carga tributária, paga em espécie. Viviam no limite da sobrevivência. Os monarcas sempre tinham um pequeno exército de elite, profissional e bem treinado. Os grandes exércitos eram formados por camponeses arrebanhados à força para compor a infantaria.

Matthew White dedicou sua vida a contabilizar as vítimas dos monarcas. Autodenomina-se atrocidadologista. Seu livro mais recente, *Atrocities: the 100 deadliest episodes in human history* (2013) será aqui usado como fonte para as cifras de mortes em diversas catástrofes causadas ao ser humano por si mesmo. Essas cifras não podem ser tomadas pelo seu valor de face. Não por outro motivo, há grandes diferenças, às vezes até mesmo disparidades, entre as estimativas feitas pelos historiadores. White leva em conta as várias estimativas, além de fatores ambientais e contextuais, para chegar aos seus números.

Império chinês

A China foi o único império antigo que sobreviveu até a modernidade, e por mais de um milênio foi a civilização com a tecnologia mais avançada do mundo. No Ocidente, sua história, primeiro investigada por acadêmicos britânicos, continua sendo matéria de interesse de historiadores. Antes e depois disso, foi estudada por muitos chineses, com revisionismos que atenderam a mudanças ideológicas. Ultimamente, esse revisionismo tem sido especialmente forte. Há mais de uma centena de censos de moradias, de moradores e de terras, feitos durante o império, compilados por **Liang** (1980), que mostram frequentes quedas abruptas na população. Mas **Durand** (1960)

preferiu ignorar essas quedas e interpolar linearmente os valores de pico, de modo a compor uma curva de crescimento contínuo. **Deng** (2003) criticou esse exercício de imaginação arbitrária, com duvidoso êxito.

O império chinês foi cenário de frequentes rebeliões e tumultos, vários deles resultantes em milhões de mortes. Relataremos alguns deles.

A documentação anterior à unificação da China em um império é muito deficiente, o que impossibilita o cálculo de fatalidades entre as desavenças. Mas **White** (2013) estima que as disputas entre os Estados Guerreiros resultaram em 1,5 milhões de mortes. Em 221 a.C., o chefe de um dos estados conseguiu vencer todos os outros e deu-se o nome de **Qin Shi Huang Di**, que significa 'primeiro imperador augusto da China'. Para coletar os impostos e saber com quantos homens podia contar para as suas tropas, criou um eficiente sistema de censo, que se perpetuou e possibilitou o estudo da demografia do império desde então.

Para proteger-se das tribos de cavaleiros nômades que viviam nas infindáveis estepes ao norte, começou a ampliar as **muralhas** que circundam parte do império. Para isso, levou para os locais 800 mil camponeses e 300 mil soldados, que trabalhavam e obrigavam os camponeses a trabalhar. Quase todos morreram, e ainda outros levados para repô-los. Isso, mais outros fatos ligados às várias ampliações das muralhas da China, levaram a uma lenda: para cada bloco de pedra da enorme construção, há um cadáver.

No ano 9, **Wang Mang** usurpou o poder e proclamou a **dinastia Xin** (literalmente, nova dinastia), que só durou 14 anos de guerras e tumultos nos quais morreram 10 milhões de pessoas.

No século VIII, sob a **dinastia Tang**, o império atingiu os pontos mais a oeste da sua história; a expansão foi limitada por **impérios árabes**, que progrediam para o oeste e também para o leste. Nos limites dessas duas culturas, no Turquestão oriental, então província da China, **An Lushan** nasceu em 703. Violento, duro com os subordinados e dócil com os superiores, o jovem prosperou rapidamente. Em 755, iniciou uma enorme rebelião contra o **imperador Xuanzong**, de inacreditável letalidade. No ano 754, um censo do império apontara a existência de 52.880.488 pessoas. Já no ano 764, outro censo encontrou apenas 16.900.000 habitantes. Algo em torno de 36 milhões de pessoas desapareceu na guerra, na fome e em prováveis enchentes causadas pela destruição de diques que controlavam o rio Amarelo. Isso representa dois terços da população da China e um sexto da população mundial na época.

Parte dos historiadores questiona a dimensão da mortalidade como algo impossível. Alguns deles invocam o desmonte do próprio sistema de censo, que teria se tornado incapaz de localizar os domicílios e registrar seus habitantes. Mas há um problema: em 7 censos após a rebelião, o número de habitações foi crescendo gradualmente; em 845, 90 anos após a rebelião, o número de moradias ainda era 4.955.151, muito menor do que as 9.069.154 registradas em 754.

Durante a **dinastia Ming** (1368-1644), a última de etnia chinesa, a China imperial atingiu seu apogeu, cuja arte é hoje lembrada principalmente pelas belíssimas porcelanas Ming. Sua tumultuada queda iniciou-se em 1635, quando a fome assolou as regiões norte e noroeste, e **Li Zicheng**, membro do exército, rebelou-se ao faltar comida para as tropas. Li tornou-se chefe de bandidos, e finalmente comandante de um exército rebelde com talvez cem mil soldados. Vagou pela China espalhando mortes pelas armas e pelo agravamento da fome. O **imperador Chongzhen**, sem dinheiro para manter o exército imperial, o temia tanto que foi encontrado aos prantos quando Li Zicheng movia-se com seu exército rumo à capital Beijing. Após os prantos, embebedou-se e andou pelo palácio brandindo uma espada. Matou sua concubina favorita e suas duas filhas mais novas para que elas não caíssem nas mãos do inimigo. A filha mais velha protegeu-se com braço e teve-o decepado.

Uma **tribo manchu**, liderada pelo jovem **Nurdachi**, aproveitou o caos para invadir a China. Seu filho e sucessor Hong Taiji proclamou a formação da nova **dinastia Qing**, e Shunzhi, neto de Nurhachi, tornou-se o primeiro imperador Qing em 1644, embora até 1662 tivesse de aniquilar muitos príncipes do sul que se declararam herdeiros do trono. O número de fatalidades é estimado em 25 milhões. A dinastia Qing, a última da China, reinou, com enorme brutalidade e incompetência, até 1912, quando se iniciou a **República da China**.

No período 1851-1864, houve na China um confronto muito sangrento entre as forças imperiais e membros de uma seita criada pelo místico messiânico **Hong Xinquan**, que se converteu ao cristianismo protestante e afirmava ser irmão mais novo de Jesus Cristo. Hong anunciou o início da **Era Taiping** (Era da Grande Paz) e o Reino da Paz Celestial, do qual foi aclamado rei pelos seus fieis. Esse reino era paradoxalmente uma teocracia absolutista e comunista, que em 1852 empolgou Karl Marx como a anunciada revolução que destruiria o capitalismo. Inglaterra e França o viram como uma perigosa heresia e, em 1860, após o fim da segunda **guerra do ópio**, ajudaram o imperador a suprimir a seita. Os historiadores estimam que a **Rebelião Taiping** tenha causado 30 a 50 milhões de mortes. White (2013) optou pela estimativa conservadora de 20 milhões de fatalidades.

Esses exemplos são talvez suficientes para ilustrar a violência que reinou na China Imperial. Algumas, como a **rebelião religiosa de Fang La**, que resultou em 2 milhões de fatalidades, foram omitidas; outras, ignoradas pela própria história.

Império Aquemênida

A artificialidade do Império Aquemênida já foi apontada. A subjugação de tantos povos, com etnias, costumes e línguas distintas, talvez só tenha sido possível pela habilidade do conquistador Ciro. Apesar da tolerância de Ciro aos costumes dos povos subjugados, a força foi o elemento essencial para a

unidade do império. Os aquemênidas, ou talvez persas anteriores, inventaram a crucificação e empregavam com entusiasmo o decepamento de orelhas, narizes e mãos. Mesmo assim, as rebeliões locais eram muito frequentes e os sátrapas não eram confiáveis. Não há dados que possibilitem estimar as mortes relacionadas a esses conflitos. Mas em 331 a.C., quando Alexandre conquistou o império, ele já havia se tornado inviolável, o que explica em parte porque Alexandre venceu o **Xá Dario III** em duas grandes batalhas, mesmo com um exército pelo menos quatro (segundo alguns, dez) vezes menos numeroso. Essas batalhas também revelam a superioridade de exércitos formados por homens ligados por elos de lealdade, como eram as tropas macedônias, em relação a exércitos multiculturais sem qualquer identificação mútua, como eram os de Dario. Alexandre aniquilou 500 mil soldados das armas 'persas' e perdeu poucas dezenas de milhares de soldados. Na primeira das batalhas, ao ver-se vencido, Dario fugiu com parte da tropa 'de elite' que o blindava, deixando para trás sua esposa e sua filha. Na segunda, novamente fugiu e durante a perseguição de Alexandre foi assassinado por **Besso**, seu general e sátrapa da Bactria.

Império Romano

A cidade-Estado de **Roma** surgiu de maneira pouco conhecida. Em 753 a.C. já era um reino multiétnico com **monarcas etruscos**. Em 509 a.C. tornou-se uma **república** baseada em um **senado** composto por nobres, alguns representantes do povo, e magistrados, os dois últimos grupos eleitos anualmente. A república rapidamente expandiu seus domínios anexando povos vizinhos, e em 290 dominava mais da metade da península itálica. Já era então uma república de índole imperial, com ambições de dominar territórios ao sul e parte do mar Mediterrâneo. No litoral norte a África, a sudoeste da Sicília, ficava **Cartago**, capital de um império criado por colonos fenícios, que dominava o oeste do Mediterrâneo, partes da Sicília, da Sardenha e da Hispânia, e visava mais terras ao norte. O confronto era inevitável, e envolveu três guerras, as **guerras púnicas**, que estão entre as maiores guerras até então. Na terceira delas, encerrada em 146 a.C., Roma aniquilou inteiramente Cartago. Os 50 mil cartagineses sobreviventes foram escravizados, e os romanos criaram a **Província da África**. Sem competidor na região, os romanos dominaram toda a península itálica, a Sicília, a Sardenha e a **Grécia**. Cem anos mais tarde, dominaram o **Egito** e regiões da **Europa**, que iam até a **Inglaterra**. Em 27 a.C. o regime político de Roma tornou-se imperial e com o tempo dominou terras que iam da **Mesopotâmia** à **costa europeia do Atlântico**.

O Império Romano servia basicamente aos interesses de uma classe de Roma, os **patrícios**, de origem nobre. Estes possuíam escravos, grandes propriedades rurais, ocupavam os cargos públicos importantes e tinham direitos especiais. Viviam em mansões chamadas **domus**. Em Roma havia também a **plebe**, formada de pequenos comerciantes, artesãos e

trabalhadores livres, que com o tempo conquistaram alguns direitos. Descendo a pirâmide, havia os **clientes**, que eram livres, mas inteiramente submissos aos patrícios, e os **escravos**. A tensão entre as classes sociais era constante.

O exército era inteiramente profissional, bem treinado e equipado, e sempre comandado por patrícios que viam nessa atividade uma forma de ganhar poder. Por séculos, foi imbatível, e não raro seus comandantes especialmente vitoriosos retornavam a Roma com chances de escalar o topo da pirâmide social, às vezes até conquistar a coroa de imperador. As tropas deviam fidelidade ao seu comandante, não à pátria – uma invenção moderna. As vitórias nas guerras de conquista rendiam, além de saques e futuros tributos, incontáveis guerreiros vencidos trazidos para Roma e cidades estratégicas como escravos, às vezes vendidos ao preço de um cavalo. Com isso, os patrícios substituíram por escravos os camponeses livres que trabalhavam em suas terras, o que resultou em contínuo fluxo de camponeses para Roma, cuja população atingiu grandeza que só foi ultrapassada por metrópoles do século XX. Fala-se em até 3,5 milhões de habitantes, o que parece impossível para uma cidade com área de 14 quilômetros quadrados.

A plebe, que compunha 30% da população de Roma, vivia nas **ínsulas** (*insulae*) apartamentos exíguos, geralmente com um só cômodo, sem banheiro, onde se apinhava toda uma família. As ínsulas compunham edificações de vários andares vulneráveis ao fogo, o que resultou no grande incêndio no reinado de Nero.

Desde a época da república, em todas as cidades do território subjugado por Roma, praticou-se a política do '**pão e circo**' para apaziguar a plebe. O sistema era mantido por pessoas de posses, por um tipo de doação chamado **evergetismo**, copiado da cultura grega. O trigo doado para o pão era escasso e beneficiava poucos plebeus urbanos, mas o preço do trigo era mantido baixo, por isso a plebe podia sobreviver, mesmo tendo pouco mercado para o seu trabalho. Já o lazer, principalmente o circo, era oferecido em escala colossal, até mesmo porque as altas classes também se deliciavam com ele. Nos circos, dos quais o **Coliseu** de Roma tornou-se o símbolo máximo, exibiam-se espetáculos de enorme violência. Como Roma era um Estado Guerreiro, tais espetáculos eram considerados exemplares da disciplina, da coragem e da bravura dos romanos. A plebe se deliciava e disputava entrada nos espetáculos quase contínuos. O espetáculo mais apreciado era a luta de **gladiadores** – quase sempre escravos ou bandidos condenados – que lutavam entre si ou contra feras. Os jogos de gladiadores resultaram em 3,5 milhões de mortes humanas.

As **rebeliões de escravos** eram frequentes e só no período 134-71 a.C. resultaram em 1,0 milhão de fatalidades. A mais severa delas nasceu de uma rebelião, em 73 a.C., de escravos sob treinamento numa escola de gladiadores, liderada por **Spartacus**. A esses gladiadores foram-se juntando outros escravos, com o que se formou uma força de 120 mil rebeldes. Várias legiões foram enviadas para controlá-los e, finalmente, 10 legiões sob o

comando de **Marco Licínio Crasso** conseguiu vencê-los em 71 a.C. Os escravos sobreviventes foram trazidos acorrentados para Roma. Os 6 mil que suportaram o longo percurso foram crucificados às margens da Via Ápia.

Os romanos copiaram a crucificação inventada pelos persas e a empregaram com entusiasmo. A crucificação é uma tortura atroz (Edwards 1986), aperfeiçoada pelos romanos, que pode durar horas ou dias, dependendo do método empregado. As crucificações praticadas na **Judeia** dominada pelos romanos, que incluíram a de Jesus Cristo, e as de cristãos, são mais conhecidas pelo grande público.

Os hebreus viviam em constante conflito com os romanos, que buscavam difundir o politeísmo greco-romano nos territórios dominados; o monoteísmo judaico lhes parecia intolerante e pouco diverso. Houve três guerras entre judeus e romanos. A última foi iniciada em 132 d.C., quando o **imperador Adriano** decidiu reconstruir **Jerusalém** como uma cidade helenística. **Simão Bar Kokhba** (Barcoquebas, Filho da Estrela) iniciou uma rebelião que a muito custo foi debelada. Ao final, Jerusalém foi inteiramente destruída e a Judeia virou um deserto quase desabitado, que os romanos denominaram **Síria Palestina**. Estima-se que 580 mil judeus foram mortos pela espada, e outros pela fome. White (2013) cautelosamente optou pela cifra de 350 mil fatalidades.

O império teve, a partir do século II, uma lenta decadência cuja história tem sido objeto de incontáveis estudos. No ano 476, Roma finalmente caiu sob o domínio de povos bárbaros europeus, o que deu fim ao **Império Romano do Ocidente**. Sete milhões de pessoas morreram na sua queda.

Surgimento do Nacionalismo

O nacionalismo nasceu com a **Revolução Francesa**. Não diretamente dela, mas das guerras da **França** com reinos totalitários europeus que temiam o alastramento da proposta republicana. Antes da RF, só havia uma bandeira nacional, a do **Reino Unido**, que ainda não anexara a Irlanda. Os reinos tinham suas bandeiras, que eram principalmente signos da realeza, e nas batalhas os exércitos também ostentavam bandeiras com o propósito de evitar fogo amigo. Mas essas flâmulas representavam nada que comovesse as pessoas como símbolo de uma pátria. A bandeira nacional francesa foi adotada em 1794. Os hinos nacionais eram totalmente inexistentes. Em 1792, **Claude Rouget**, um oficial da divisão do exército francês em Estrasburgo, compôs a **Marselhesa**, belo e poderoso hino de guerra, logo depois que o **imperador da Áustria** declarou guerra à França. O canto rapidamente se popularizou nas tropas francesas e depois em toda a França. Após ser rejeitada por **Napoleão** e seus sucessores monárquicos pelo seu caráter revolucionário, a Marselhesa só se tornou definitivamente o hino nacional da França com a instauração da **Terceira República**, em 1879.

Esses foram o início de incontáveis transformações. Até o final do século XIX, havia ao largo do mundo dezenas de nações, monárquicas ou republicanas. Existem hoje duas centenas de nações, cada uma com sua bandeira e seu hino. Os **jogos olímpicos** ilustram o poder desses símbolos. Na abertura, as delegações desfilam ostentando suas bandeiras nacionais; na entrega de medalhas de ouro, hasteia-se a bandeira da nação do vencedor e este ouve o seu hino nacional com a mão no peito, em reverência à sua pátria.

O nacionalismo passou a ser cultivado como uma virtude. Desde que entendem a fala, as crianças são submetidas a um ambiente de culto à nação – a ‘pátria mãe’ – e ao atingir a idade adulta sequer são capazes de entender que a emoção que sentem ao ouvir o hino certo tem uma origem cultural sem qualquer base na natureza humana. A competição entre grupos consanguíneos, separados pela distância de uma caminhada, que nasceu naturalmente na evolução humana, foi substituída por elos de identificação entre membros de uma nação inteira, não raro de dimensões continentais, multiétnica e multicultural. E pessoas que às vezes sequer falam a mesma língua, artificialmente reunidas em uma nação, acham natural e até virtuoso lutar até a morte contra as de outras nações. Quem porventura não se sinta parte dessa união é desprezado pelos compatriotas.

As nações competem fisicamente entre si. As maiores armam-se até o desatino com artefatos que hoje podem destruir o planeta várias vezes, do que resultou uma trégua baseada no terror. Nessa trégua, praticam um jogo geopolítico em que frequentemente aniquilam nações menores com o propósito de controlar posições estratégicas.

Quando levado ao extremo, o nacionalismo leva a um tipo de culto que supera todos os outros elos de lealdade, até mesmo o da família. Temos nesse caso o **fascismo**, em que o estado é o ente supremo da sociedade. Na antiguidade, o fascismo surgiu uma única vez, em **Esparta**, a cidade-Estado grega devotada à guerra. Nela, os meninos eram afastados da família aos sete anos e internados em escolas estatais, as **agagês**, onde eram treinados principalmente na arte da guerra (Chaves 2017). Para aprimorar a raça, a eugenia era praticada em alta escala: ao nascer, toda criança era examinada por um grupo de anciãos, e se apresentasse qualquer defeito físico era atirada de um penhasco. No século XX o fascismo surgiu com vigor especial na **Itália**, na **Alemanha** e no **Japão** (alguns historiadores referem-se ao Japão do período 1930-1945 como estado militarista, não fascista), e foi admirado em muitos países.

O nacionalismo paralisa o avanço civilizatório

A violência humana vem decrescendo continuamente. A arqueologia forense revela que isso vem acontecendo desde o início das civilizações. Em nenhuma época do passado o ser humano teve tanta probabilidade de morrer em uma cama quanto no tempo presente. Não vemos isso claramente por duas

razões, a chamada miopia histórica e a tendência do ser humano de lembrar-se mais facilmente de calamidades recentes. Mas os registros disponíveis, embora às vezes precários, demonstram isso de maneira inquestionável. **Steven Pinker** (Pinker 2011) dedicou um livro de 800 páginas à ilustração, com uma enormidade de dados, do declínio da violência.

Com o avanço da cultura, o ser humano aumentou seu sentimento de empatia a outras pessoas, em particular a pessoas que ele desconhece. Em Roma, as pessoas disputavam vagas nos circos para ver gladiadores se matarem, mulheres serem devoradas por feras. Na Idade Média, cristãos se deliciavam em ver hereges sendo queimados vivos, e os instrumentos de tortura da época horrorizam qualquer ser humano do presente que não tenha alguma anomalia psiquiátrica. Na Revolução Francesa, a decapitação de adversários do **Novo Regime** atraía a assistência de multidões. Meio milênio atrás, em **Oxford** havia 40 homicídios por 100 mil habitantes por ano; hoje, em Oxford e quase toda a Europa ocidental, há pouco mais que 1, e o cidadão comum do continente sente-se muito mais seguro do que um monarca de alguns séculos atrás. Na verdade, o índice de violência, que hoje é mais alto nas classes menos favorecidas, no passado europeu parece ter sido mais alto, na verdade inacreditavelmente alto, nas classes altas. Segundo Pinker (2011, p.81) em 1350 26% dos homens aristocratas ingleses tinham morte violenta.

Hoje, o número de suicídios no mundo é duas vezes o de homicídios. Em muitos países, aqueles são pelo menos dez vezes mais numerosos do que os homicídios. No Japão, o número de suicídios é 60 vezes o de homicídios, cuja incidência é de 0,25 casos anuais por 100.000 habitantes. Os EUA são o único país desenvolvido que ainda tem índice de homicídios muito alto, com 5,0 casos anuais por 100 mil habitantes, decorrentes de fatores culturais, posse livre de armas, desigualdade econômica e racismo. Mas, mesmo lá, o índice de suicídios é 2,5 vezes maior do que o de homicídios. E naquele país o uso de drogas leva a 5 vezes mais mortes do que o homicídio. Suicídio e abuso de drogas são hoje problemas mais graves do que a violência e recebem bem menos atenção e estudo do que têm recebido.

O nacionalismo coletou água de duas vertentes

A guerra da independência norte-americana e a revolução francesa foram inspiradas no **Iluminismo**, que era internacionalista. Nele prosperou a **República das Letras**, organização de intelectuais que se moviam pela Europa em busca de reis ou homens de posses que financiassem seus trabalhos. Numa época em que o cristianismo se fragmentou em diversas fés com as reformas protestantes, o que entre outras coisas foi a principal causa da **Guerra dos Trinta Anos** (1618-1648), e de ainda outros conflitos por vir, se um intelectual era perseguido em seu país, não distante dele encontraria outro onde elas eram toleradas ou até mesmo fomentadas. Os membros da República trocavam ideias entre si por meio de livros, artigos, cartas e

academias científicas e literárias que criaram em vários centros. Muitos habitantes das colônias britânicas na costa Leste da **América do Norte**, e até mesmo das colônias espanholas mais ao sul, adotaram as ideias iluministas, que eram liberais, libertárias e internacionalistas. O **capitalismo** e a **revolução industrial** floresceram nesse cenário. A produção fabril gerou a classe operária e a luta entre a classe dos proletários e a dos donos do capital industrial. O capitalismo tinha um espírito duplo. Por um lado, precisava do apoio dos governos locais para prosperar, por outro buscava o livre comércio entre os países para expandir seu mercado. Portos abertos, este era o seu princípio. A **Grã-Bretanha**, berço da revolução industrial, usou e abusou do seu poder naval para abrir portos à força bruta. O **comunismo**, do qual Karl Marx foi o célebre teórico e defensor, era internacionalista. Mas ambas as ideologias, a capitalista e a comunista, finalmente levaram a práticas nacionalistas e a guerras entre nações, ou entre coligações de nações.

A **Primeira Guerra Mundial** foi uma confusão mortal entre estados nacionalistas. Nos diversos países beligerantes, os partidos socialistas uniram suas forças em defesa das suas pátrias, exceto na **Rússia**, onde **Vladimir Lênin** achou mais oportuno lutar contra o poder opressor do Tzar. Com o exército russo esfacelado pelos alemães e pela fome, isso foi relativamente fácil e rápido, até mesmo porque muitos soldados que haviam desertado, levando suas armas, juntaram-se aos rebeldes revolucionários. O difícil seria formar uma união entre as fações socialistas. Em 1918, Lênin, líder dos **Bolcheviques**, a força revolucionária majoritária, e também a mais radical, conseguiu centralizar todo o poder e mantê-lo até sua morte em 1924. Em 1922, Lênin já havia criado a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, ou simplesmente **União Soviética**, que congregava Rússia, Ucrânia, Bielorrússia e Transcaucásia. **Stalin**, sucessor de Lênin, foi um déspota nacionalista. Venceu todos os seus adversários, principalmente **Léon Trotsky**, defensor de uma revolução socialista mundial, e adotou a política de 'comunismo em um único país'. Até 1930, já havia promovido o culto à sua personalidade à custa da perseguição de todos os seus opositores, como vinha ocorrendo na Itália de **Mussolini** e na Alemanha de **Hitler**. Em 1932-1933, Stálin causou o chamado **Holodomor**, genocídio de milhões de ucranianos pelo bloqueio de alimentos à **Ucrânia**.

No final da **Segunda Guerra Mundial**, o exército russo esmagou os exércitos nazistas que em 1941 haviam invadido a Rússia, ocupou a Polônia e a parte oriental da Alemanha. Aos poucos, dominou muitos outros países e os tornou parte da União Soviética ou em países satélites da mesma, como ocorreu na Iugoslávia e na Albânia. Qualquer país que tentasse se desviar das políticas impostas por Moscou era ameaçado de ocupação militar, o que ocorreu algumas vezes. Enfim, a União Soviética tornou-se uma extensão do **Império Russo czarista**, subjugada com a mesma ideologia nacional-imperialista dos tzares. O comunismo instalou-se em vários outros países fora da URSS, e em quase todos eles a política foi nacionalista.

Os Grandes Problemas são Globais

Entre os demônios da atualidade, incluem-se Darwin, ciência, capitalismo, comunismo e, muito apropriadamente, o racismo – que merecerá um artigo especial. O cardápio é variado, atende a gostos bem diversos. Mas o nacionalismo permanece como o arcanjo Lúcifer, e resiste em cair, embora seja a maior barreira para o avanço humano. O mundo ficou pequeno. Dois milênios atrás, os impérios chinês e romano coexistiam e se ignoravam, como se estivessem em planetas distintos. Hoje, várias nações competitivas são capazes de ver o planeta como uma bola azul movendo-se no espaço, e dele se espionarem em detalhes minúsculos como uma tenda de praia ou um veículo militar. Do próprio espaço, podem ver os danos que todas elas causam à morada comum: mares, continentes e atmosfera se aquecendo, queimadas transformando florestas em cinza, aglomerados de lixo cobrindo vastas áreas dos oceanos. De suas naves, podem ainda captar pacotes de bits eletromagnéticos que revelam o drama humano que só ainda persiste porque cada parte privilegia os seus interesses.

Os grandes problemas que vivemos são globais, e o nacionalismo não oferece qualquer solução para eles; ao contrário, os agrava. Enquanto as nações poderosas evitam sacar suas armas medonhas, pois no tiroteio ninguém sobreviveria, elas se empenham numa disputa econômica e tecnológica na qual veem esperança de vitória. O mundo já é capaz de produtividade suficiente para eliminar todo tipo de pobreza. Mas cada nação busca mais crescimento nacional, a qualquer custo. Se eu não crescer rápido, eles me engolem, pensa cada um, mesmo que não tenha aspirações de subjugar os concorrentes. Mas o crescimento não pode mais ser a prioridade de qualquer das nações que hoje decidem a política do globo. O ambiente agoniza, a pobreza assola continentes inteiros e é uma afronta à própria dignidade das nações que ostentam um vão orgulho.

A **revolução cibernética**, dita revolução 4.0, está automatizando quase tudo, e em breve tornará 'inútil' a grande maioria das pessoas. Esse avanço, em princípio, é um grande bem que pode nos redimir da sentença divina: "Do suor do teu rosto comerás o teu pão." Mas o mundo não tem um projeto socioeconômico para administrar essa conquista. Sem ter de se extenuar em trabalho desagradável, as pessoas poderiam dedicar seu tempo a se educarem, a praticar a arte, a ciência, o esporte e o lazer, a cultivar o saber sem considerações utilitárias, a transformar o planeta em um jardim. Mas, em vez dessa redenção, o futuro parece apontar para uma calamidade humana sem precedentes. Desde a primeira revolução industrial, as chamadas **criações destrutivas**, ou disruptivas, geraram novas tecnologias de produção, da maneira de fazer negócios e do uso da força de trabalho. Criou-se com isso o que **John Kenneth Galbraith** chamou **Era da Incerteza**. A questão se

aguçou com a globalização e a avalanche de mudanças técnicas que marcaram o quarto final do século XX.

Aplicar dinheiro num ambiente de incertezas passou a ser uma habilidade preciosa para as empresas, o que levou à supervalorização de executivos empresariais e especialistas em finanças. Os mais bem sucedidos nesses campos passaram a ganhar salários astronômicos. Montanhas de dinheiro começaram a cruzar meio mundo em fração de segundo, com um simples toque na tecla Enter de um computador. A escolha de países para investimentos em produção industrial passou a ser feita com base no custo local da mão de obra e ainda em outras vantagens, dentre elas a permissividade aos danos ambientais.

O deslocamento internacional das instalações produtivas contribuiu para a redução da desigualdade de renda entre as nações, e até mesmo entre os continentes. As nações em desenvolvimento, principalmente as asiáticas, passaram a crescer muito mais rápido do que as desenvolvidas. Mas as desigualdades internas cresceram em todos os países. Em grande parte, esse crescimento tem origem na disparidade entre os salários. Além disso, o ritmo das inovações tecnológicas tornou-se alucinante, e os grandes inovadores têm construído enormes fortunas em questão de uma ou duas décadas. Este ano, a Forbes listou 585 bilionários nos EUA e 373 na China, país onde grandes empresas privadas só tiveram início nos anos 1980. Mesmo nos EUA, as maiores fortunas não foram herdadas, e sim construídas pelos detentores atuais. A Era da Incerteza favoreceu em demasia os grandes inovadores, os gestores de negócios e os especialistas em finanças. Sistemas progressivos de tributação podem gerar, via Estado, transferência compensatória de renda para os menos favorecidos. Mas, como cada nação tem soberania para definir suas políticas de tributação e benefícios sociais, as que optam por melhor distribuição de renda ficam em desvantagem competitiva em relação às que privilegiam os negócios de alto risco e alto retorno, abandonando os perdedores ao próprio destino. Estas nações acabam sendo o destino dos próprios bilionários afetados pela alta tributação, como já ocorreu algumas vezes. Alguns países abandonaram os impostos sobre heranças e altas fortunas para evitar esse tipo de emigração.

O avanço dos computadores e dos algoritmos computacionais é extremamente rápido. Um smartphone moderno tem muito mais memória e capacidade de cálculo do que um supercomputador de algumas décadas atrás, que ocupava toda uma sala. Em 2012, a Google informou que a resposta a uma indagação no algoritmo Google de pesquisa envolve mais computação do que a realizada em todo o **Projeto Apolo**, no espaço e em terra. E a todo instante, milhões de pessoas fazem suas indagações e são respondidas em fração de segundo. Há no mundo mais smartphones do que pessoas, e por meio deles é possível saber onde cada pessoa está, com quem está conectado e o que estão falando. O custo de armazenamento de informação, desde 1980, cai por um fator de 10 a cada 5 anos. Em 2017, o custo por Gb era 2,5

centavos de dólar. A Amazon Web Services e a Dropbox já oferecem ao público grandes espaços de memória ao preço de quase nada. Em talvez cinco anos, as pessoas usarão smartphones implantados no corpo, que além de realizar as funções atuais monitorarão dezenas de dados sobre o funcionamento do seu organismo, com os quais será possível decidir quanto cobrar pelo seu plano de saúde ou seu seguro de vida. Em outros dez anos, carregarão dispositivos de memória e de cálculo integrados ao cérebro. O que as empresas que disponibilizam essas maravilhas fazem ou farão com a montanha de dados que eles geram? Google e Facebook são acusados de venda ilegal de dados privados dos usuários dos seus serviços. Huawei é suspeita, nos EUA, **Índia** e outros países, de cooperar com o sistema de inteligência e vigilância interna da China. A privacidade das pessoas, um dos importantes valores da civilização moderna, corre sérios riscos. A proteção efetiva dessa privacidade depende de sistemas globais de controle, incompatíveis com divisão do planeta em nações soberanas.

A **inteligência artificial** avança a passos rápidos. Máquinas são cada vez mais capazes de aprender com a experiência, com a qual aprimoram seus próprios algoritmos, e de tomar decisões com base no seu aprendizado. Os computadores já não fazem apenas o que foram programados para fazer. Isso envolve um risco perceptível mesmo por pessoas sem expertise no assunto. Se uma máquina se liberta do estrito comando dos seus programadores, e dispõe de capacidade suficiente de processamento de dados, pode eventualmente criar seus próprios algoritmos, mais avançados que os humanamente programados, e com eles projetar máquinas mais avançadas do que ela própria. Atingido esse ponto, tem-se início um processo evolutivo similar ao da inteligência animal, só que incomparavelmente mais rápido. Segundo alguns especialistas em inteligência artificial, ela é atualmente o maior risco para a humanidade. Medidas efetivas de cautela contra máquinas que eventualmente assumam o controle dos fatos também são impossíveis num planeta dividido em nações competitivas. Imaginemos que num país se desenvolva uma máquina capaz de substituir com mais eficácia a direção de uma empresa. Rapidamente ela será replicada em outras empresas. As outras nações não terão escolha fora adotar a inovação: as que não fizerem isso serão economicamente aniquiladas.

Klaus Schwab, fundador e diretor executivo do **Fórum Econômico Mundial**, no livro *The fourth industrial revolution* (Schwab 2016) faz uma análise muito bem informada dessa nova revolução. Destaca 23 grandes mudanças que ela traz, e aponta os riscos envolvidos em cada uma delas. Mas, surpreendentemente, ele não aponta solução para nenhum deles. Como Schwab conhece os principais líderes políticos e empresariais do mundo, e com eles discute o tempo todo, fica patente que ninguém tem a menor ideia de como sanar os efeitos deletérios da referida revolução, que não se parece com nada que o mundo já viveu. Esses problemas não têm solução em um mundo dividido em nações que competem entre si.

A questão ambiental é mais outra que muito dificilmente será resolvida sem instâncias de regulação – e de imposição de normas – que transcendam a soberania das nações. Há décadas, vemos reuniões interacionais onde são formulados acordos com vistas a reduzir as emissões de gases de efeito estufa. Os chefes de estado presentes elaboram protocolos, comprometem-se com políticas sobre o assunto. Quase nenhuma cumpre o prometido, e nenhuma instância transnacional de poder pode forçar o cumprimento. As pequenas nações podem sofrer represálias e boicotes, mas as mais poderosas nada têm a temer.

Outro grande problema de âmbito global é a biotecnologia. Nas áreas em que a biotecnologia tem avançado – produção de fármacos, terapia gênica e alimentos geneticamente modificados – há consenso científico de que ela é segura, embora tenha de ser mantida sob constante avaliação e vigilância. Mas, no horizonte, vislumbra-se a transgenia humana, que pode começar com propósitos humanitários, como o da eliminação de graves doenças genéticas. Mas, na ausência de controle transnacional baseado em profundas considerações éticas, a transgenia humana poderá gerar o horror dos horrores. Castas biológicas, como as imaginadas por **Aldoux Huxley** na ficção científica Admirável mundo novo, não se excluem dos produtos da transgenia humana.

No momento, o mundo é acometido pela covid-19, uma pandemia causada por um vírus novo. Já atinge todos os continentes e quase todos os países. Atingirá todos. Como o vírus é novo, não há vacina para ele. Não se sabe se a covid-19 será um episódio eventualmente superado ou uma epidemia recorrente. No episódio atual, a única maneira de reduzir o número de mortes é o isolamento social, imposto mundialmente como medida sanitária. Mais uma vez, a soberania das nações e a desigualdade econômica resultante da **Ordem** dificultam esse isolamento e o socorro aos que não podem parar temporariamente parar de trabalhar. Alguns governantes nacionais autoritários ignoram a parte trágica da pandemia e a consideram apenas uma inconveniência que pode reduzir suas chances de reeleição. Agem irresponsavelmente e não existe uma instância transnacional capaz de contê-los.

O que substituirá o nacionalismo

Não é possível prever o que virá após o nacionalismo. O certo é que ele terá um fim, se não pelo advento de uma nova ordem, pela extinção da humanidade que o criou. Qualquer ordem que venha a substituí-lo será transnacional e baseada na cooperação. Os incrédulos nesse grande passo podem arguir que uma inteligência desenvolvida por evolução darwiniana não o realizará. Mas pode bem ser que a cultura possa ao final decidir quase tudo. Nossas opiniões, nossas predileções nossos valores e sentimentos são em muito alta medida definidos pela cultura em que somos criados. Não nascemos como uma *tabula rasa*, mas temos alto grau de maleabilidade, e exatamente

por isso evoluímos com a cultura, que atualmente muda muito rapidamente: cada geração já não consegue entender a seguinte. Três séculos atrás, quase todos os iluministas, que hoje tanto admiramos, aprovavam a escravidão; hoje qualquer pessoa normal a considera inadmissível. Quase todos nós apreciamos e respeitamos vários direitos humanos que só foram conquistados no século passado. Nossas crianças já são bem mais sensíveis a esses direitos do que nós mesmos, e também aos direitos dos animais, dos quais não se falava pouco tempo atrás. Um habitante das cidades do próximo século provavelmente ficaria muito chocado caso deparasse com um morador de rua. Sem que notemos, um futuro melhor está sendo construído nas maternidades, nas escolas, nos parques onde crianças brincam com seus cachorrinhos.

REFERÊNCIAS

Chagnon, Napeolon A (2009) *Yanomamö, fifth edition*. Wadsworth Censage Learning.

Chaves (2017) <http://alaorchaves.com.br/o-fascismo-espartano/>

Deng, Kent G. (2003) *Reexamination of Chinese premodern population statistics*. London School of Economics, Working paper no. 76

Durand, John D. (1960) *Population Studies* 13 (3) pp. 209-256.

Edwards, W. D., Gabel, W. J., e Hosmer, F., On the physical death of Jesus Christ. *Journal of the American Medical Association* 255, pp.1455-63.

Liang Fangzhong (1980). *Data of China's househods, cultivated land and land taxation*. Shangai People's Press.

Pinker, Steven (2002) *The blank slate: the modern denial of human nature*. Penguin Books.

Pinker, Steve (2011). *The better angels of our nature*. Viking Penguin.

Schwab, Kalus (2016). *The fourth industrial revolution*. Crown Business.

White, Matthew (2013) *Atrocities: the 100 deadliest episodes in human history*. W. W. Norton & Company.